

EPIGRAFIA E ANTICHITÀ

Collana diretta da ANGELA DONATI

35

L'ISCRIZIONE E IL SUO DOPPIO

Atti
del Convegno Borghesi 2013

a cura di
ANGELA DONATI

FRATELLI LEGA EDITORI
FAENZA

Comitato scientifico:

Maria Bollini (Ferrara), Alain Bresson (Bordeaux - Chicago), Francesca Cenerini (Bologna), José d'Encarnaçao (Lisboa), Sergio Lazzarini (Como), Attilio Mastino (Sassari), Marc Mayer (Barcelona), Ioan Piso (Cluj-Napoca), Gabriella Poma (Bologna), Antonio Sartori (Milano), Manfred Schmidt (BBAW - CIL), Livio Zerbini (Ferrara).

© 2014 Fratelli Lega Editori, Faenza

ISBN 978-88-7594-116-1

Stampato nell'Ottobre 2014 da
LI.PE. Litografia Persicetana, S. Giovanni in Persiceto, Bologna

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

A INSCRIÇÃO E O SEU DUPLO:
O CASO DA FLAMINICA LABERIA GALLA

Introdução

André de Resende (1500-1573), monge dominicano que viveu no século XVI, quis demonstrar aos Espanhóis (1) que, também na Antiguidade, os Lusitanos – que ele identificava com os Portugueses – haviam superado todos em valentia e que, mesmo perante forte inimigo, haveriam de voltar a ser valorosos, a exemplo das gloriosas vitórias de Viriato e, sobretudo, de Sertório contra a dominação romana.

Resende nascera em Évora – *Ebora Liberalitas Iulia* – e, por isso, quis fazer da sua cidade o mais importante reduto dessa resistência à colonização romana. Inteligente e erudito, sabia muito bem que uma inscrição é o documento mais válido para testemunhar a veracidade de uma afirmação e, por esse motivo, não hesitou em ‘fabricá-las’! Ou seja: não se limitou a utilizar os textos epigráficos existentes; antes, procurou produzir ele próprio outros, usando, como os Romanos, o mármore de Estremoz / Vila Viçosa, que ali tinha bem à mão.

Nesse âmbito, o seu livro mais eloquente foi, como se sabe, a *História da Antiguidade da Cidade de Évora* (1553) (2), onde exara os mais rasgados elogios à cidade. Informa, por exemplo, que fora ali que Sertório mandara instalar a sua casa, tinha os seus *domestici*, os seus escravos e libertos. E, obviamente, cidade importante como se prezava de ser, teve *Ebora* várias *flaminicae*. Uma das

(1) A independência portuguesa estava, de facto, em perigo iminente e acabou efectivamente por se perder a favor de Espanha, em 1580!...

(2) Reeditado em *Obras Portuguesas*, Colecção «Clássicos Sá da Costa», Lisboa 1963, pp. 1-69.

114 'Em casa do capitão de ginetes, por pectoril de huma janella' Res. Evora; in aedibus tribunani celerum a. magistri equitum idem cod. Valent. et ant. 'Hoys se os no frontispicio das casas do conde de Santa Cruz' Azevedo. Frustra quaevisi.

LABERIAE • L • F
 GALLIAE • FLA
 MINICAE • MVNIC
 EBORENSIS • FLA
 8 MINICAE • PROVIN
 CIAE • LVSITANIAE
 L•LABERIVS • ARTEMAS
 L•LABERIVS • CALLARCVS
 L•LABERIVS•ABASCANTVS
 10 L•LABERIVS • PARIS
 L•LABERIVS • LAVSVS
 LIBERTI

Resende cod. Valent. f. 48 v.; Strada p. 173, 10 (inde Grut. 323, 7 'o Schotti schedis'); Resende Evora c. 7 (cf. Vasc. ad Res. p. 24; inde Britto ed. I f. 227, ed. II 1 p. 296; Masdeu 6, 204, 888); idem vv. 1—6 aliter dispositos dedit antiq. p. 3 (inde Azevedo Lisboa 1, 36). Citavi act. Berol. a. 1861 p. 767, cf. p. 773. Verzeum dispositio Resendiana arbitraria est.

2 GALLIAE Res. antiq. 6 LYSITANIAE Res. antiq. 9 ABASCANTVS Res. 11. 12 separavi ego 12 LIBER Strada.

Potest ficta esse ex titulo Collipponensi infra n. 339; sed obstat testimonium Azevedo, qui videtur lapidem vidisse, quamquam verba e Resendio sumpsit.

Fig. 1.

mais famosas foi *Laberia Galla*, perpetuada numa inscrição que André de Resende «viu» na parede de uma casa da cidade.

Hübner – que desconsiderou várias inscrições, por vezes apenas pela razão de somente estarem atestadas por André de Resende – começou por incluir esta no seu *corpus* (CIL II, 114; Fig. 1) (3), comentando, porém, que porventura também ela poderia ter sido forjada a partir de uma outra inscrição, dada como existente em *Collipo* (CIL II 339), que mencionava a mesma *flaminica* (4).

Atendendo a essoutro testemunho, de localização bem precisa, os investigadores que se debruçaram sobre a Lusitânia não se interrogaram sobre a possível falsidade do primeiro documento e, muito menos, dos dois. No entanto, em *IRCP* (p. 442) (5), optei claramente por considerar esta mais uma inscrição forjada por André de Resende e adiantei argumentos passíveis de militar a favor dessa mistificação, argumentos que voltei a esgrimir em 1991 (p. 202-203) (6):

(3) CIL II = E. HÜBNER, *Corpus Inscriptionum Latinarum - II*, Berlim 1869 e 1892.

(4) «Potest ficta esse ex titulo Collipponensi infra n. 339; sed obstat testimonium Azevedo, qui videtur lapidem vidisse, quamquam verba e Resendio sumpsit». A lápide que Azevedo teria visto é a de Leiria, que adiante se estudará.

(5) *IRCP* = J. D'ENCARNAÇÃO, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra 1984. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/578>.

(6) J. D'ENCARNAÇÃO, *Da invenção de inscrições pelo humanista André de Resende*, «Biblos»,

Primo: o ambiente laudatório de todo o livro;

Secundo: a possibilidade de termos aqui um texto forjado à semelhança de outros, autênticos, aos quais Resende tivera acesso, sobretudo através de manuscritos e *corpora* de inscrições de Roma e de *Tarraco*;

Tertio: o facto de que também a inscrição de *Collipo*, cuja localização fora dada com precisão pelo seu continuador, nunca ter sido encontrada; aliás, contém também essa ingredientes susceptíveis de a podermos considerar forjada por André de Resende.

1. Robert Étienne e Alicia Canto

Valerá a pena aludir, a título de exemplo, ao testemunho de Robert Étienne, um dos primeiros estudiosos do culto imperial na Península Ibérica, tema que constituiu a sua dissertação de doutoramento (7).

Aí nem sequer pôs a questão da eventual não-autenticidade da epígrafe. Apenas frisou a impossibilidade de a datar (p. 167 e 239) e sublinhou o facto de o exercício desse sacerdócio imperial poder proporcionar fartos réditos às suas detentoras: «La fortune ne doit pas leur manquer puisque ses cinq affranchies [*sic*] font une dédicace à Laberia Galla» (p. 171). E mais tarde (1990, nota 26, p. 221) (8), dá conta de que eu a eliminei, «car elle aurait été forgée par Resende, mais les arguments paraissent insuffisants». Não justificou, porém, a insuficiência dos argumentos, a que, aliás, também não tivera oportunidade de aludir quando arguiu a dissertação, de que fora ele próprio um dos orientadores.

Mais esclarecedora é a posição de Alicia Canto (9).

No extenso artigo publicado em 2004, fazendo-se eco dos apontamentos de viagem a Portugal, em 1726, do «caballero inglés John Breval», afirma, na legenda à fig. 20 (p. 332), ser essa epígrafe a Laberia Galla «una inscripción que a mi modesto en-

67, 1991, pp. 177-205. [Foi inserido, sob o título «Politicamente falsários», em *Estudos sobre Epigrafia*, Coimbra 1998, pp. 29-56: <http://hdl.handle.net/10316/12501>].

(7) R. ÉTIENNE, *Le Culte Impérial dans la Péninsule Ibérique d'Auguste à Dioclétien*, Paris, 1958 [1974 (reimp.)].

(8) R. ÉTIENNE, *Le culte impérial, vecteur de la hiérarchisation urbaine*, in *Les Villes de Lusitanie Romaine*, Paris 1990, pp. 215-231.

(9) A. M^a. CANTO, *Los viajes del caballero inglés John Breval a España y Portugal: novedades arqueológicas y epigráficas de 1726*, «Revista Portuguesa de Arqueologia», 7/2, 2004, pp. 265-364. http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/7_2/15.pdf.

tender no ofrece nada sospechoso». Insere-a, pois, na p. 317, no número de «inscripciones consideradas *falsae* por el *CIL* II e otros repertorios, pero que pueden considerarse auténticas». E conclui, na p. 313: «Évora no habría sido el escenario de tantos falsos epigráficos como se vienen atribuyendo, a raíz del *CIL*, al gran Andrés de Resende» e o que terá acontecido, em seu entender, foi que aí, como noutros locais, «se hicieran copias modernas de inscripciones antiguas en mal estado, con el deseo, no de falsificar, sino de conservar la memoria de ellas; la propia actividad erudita de su conciudadano Resende debió de suscitar tal interés». Ou seja: em sua opinião, a inscrição *CIL* II 114 é autêntica, porque o exemplar que os viajantes viram foi uma cópia, feita no século XVI, de um original romano, porventura em mau estado ou em risco de se perder.

Não nego que possa ter existido essa eventualidade e, logo num texto publicado com data de 1971-1975, eu chamava a atenção para casos desses, ocorridos, todavia, de modo especial, no século XVIII e não tanto por alturas do Renascimento. (10) Considero, de facto que, no Renascimento, a mentalidade não é tanto de preservar mas de forjar documentos laudatórios, sendo própria do século XVIII, mormente por influência das Academias, essoutra preocupação, sem dúvida muito louvável, de preservar o que corre risco de desaparecer. E disso temos, mesmo na epigrafia do *conventus Pacensis*, elucidativos exemplos nomeadamente em Santiago do Cacém (*IRCP* 145, 147, 156, 157, 158) (11).

Sirvam-nos, por conseguinte, os testemunhos de Étienne e de Alicia Canto para ilustrar a tônica geral dos que não partilham a opinião que ousei expressar: discorda-se ou mantém-se a dúvida, mas não se contrapõem argumentos susceptíveis de invalidar o que se escreveu. De resto, de um modo geral, fica-se até com a sensação de que as provas que aduzi nem sequer foram avaliadas. Põe-se a tônica sobretudo no excessivo criticismo de Hübner em relação, especificamente, a André de Resende, e talvez não se dê conta de que Hübner nem sequer se apercebera de todo o contexto encomiástico (naturalmente, o seu domínio da língua por-

(10) J. D'ENCARNAÇÃO, *Autenticidade em Epigrafia - As inscrições de Cuba e Vila Nova da Baronia*, «Arquivo de Beja», 28-32, 1971-1975, pp. 57-62. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/23415>.

(11) Com frequência, quem, no século XVIII, toma a iniciativa de mandar proceder a essa renovação deixa constância desse seu acto: «Evanidam restituit Fr. Franciscus Iosephus de Oliveira his litteris infra adscriptis: F. I. O. R. A. D. / MDCCXXIV» (*CIL* II 84).

tuguesa não seria tão arguto como o nosso agora...) e que, se eu apoio a dúvida de Hübner, é com base não tanto na sua opinião mas nos dados que o próprio texto apresenta. Quais são os argumentos de Hübner? Quais são os meus argumentos? Quais são os argumentos dos que não partilham a opinião de que estamos perante uma epígrafe forjada? No fundo, bem vistas as referências, o ponto principal reside no facto de Resende indicar expressamente onde viu a epígrafe, ou melhor, onde estavam as epígrafes. Não diz onde viu esses nomes nem esse tipo de inscrição, esse formulário; teria sido, até, uma prova mais que poderia aduzir para mostrar a autenticidade do monumento; contudo, e esse constitui um dos aspectos que não é de somenos (diga-se desde já), nunca André de Resende se preocupa em demonstrar a autenticidade dos documentos que aduz: apresenta-os e... pronto! Ele viu-os, transcreveu-os e essa é a prova! Não teria sido mais verosímil que declarasse ter procedido à substituição, por novas, de epígrafes em mau estado de conservação? Essa, sim, seria uma prova convincente, a dar inteira razão a Alicia Canto (12)!

Três dos epigrafistas que mais se têm interessado pela análise de inscrições falsas (13) resumiram desta sorte o *modus operandi* do falsário (p. 54-55):

- 1) estilizar textos que sejam a prova epigráfica de um facto histórico bastante tratado pelas fontes;
- 2) testemunhar a existência inequívoca da inscrição;
- 3) localizar as epígrafes em áreas amplas ou em zonas concretas.

Julgo, pois, que – também tendo em consideração esse *modus operandi* – não será de todo despropositado que eu procure explicar melhor a minha opinião.

(12) Não deixará de ser elucidativo, nesse sentido, o que escreve acerca da inscrição «achada em os fundamentos de Nossa Senhora da Graça», pois observa: «E quando eu acudi, tinham já os pedreiros um pedaço dela quebrada e posto na obra sem o resguardar». Transcreve, de facto, o letreiro com o início de cada linha incompleto; contudo, o exemplar que está no Museu Regional de Évora, «quod hodie extat exemplum post Resendii tempore incisum est», opina Hübner (*CIL* II 19*). Resta saber se terá sido gravado «post Resendii tempore» ou... «Resendii tempore»!

(13) J. CARBONELL MANILS, H. GIMENO PASCUAL, G. GONZÁLEZ GERMAIN, *Quondam quanta fuit Hispania ipsa saxa doceant: Falsi epigrafici e identità nella Spagna del XVI secolo*, in *Latin, Linguistic Identity and Nationalism*, «Renaissanceforum», 8, 2012, pp. 43-69. http://www.renaissanceforum.dk/8_2012/03_carbonellmanils_gimenopascual_gonzalezgermain_epigrafici.pdf [consultado a 29-12-2013]. No entanto, neste trabalho, a André de Resende apenas se alude de passagem e o caso de *Laberia Galla* não é abordado.

2. O lugar de achado em Évora

Informa André de Resende que viu a epígrafe «em casa do capitão de ginetes, por peitoril de uma janela». Hübner transcreve essa informação, assim como a de Azevedo: «que hoje se vê no frontispício das casas do Conde de Santa Cruz» (14).

O capitão de ginetes comandava a Guarda de Ginetes, criada por el-rei D. João II; integravam-na 200 cavaleiros, armados de lanças e adargas, responsáveis pela segurança do rei. O capitão referido poderia ter sido, na altura, D. Fernão Martins Mascarenhas, que o foi de D. João II e D. Manuel I, mas é mais provável que haja sido um dos seus sucessores, que veio a assumir também o título de duque de Aveiro, criado em 1535 por D. João III. Aos seus descendentes outorgou Filipe II, em 1593, o título de Conde de Santa Cruz.

Sabemos que uma epígrafe esteve, de facto, em Évora, no portão do palácio do duque de Aveiro, à porta de Moura, colocada sob o escudo da família, até 12 de Janeiro de 1759, quando este nobre foi executado sob a acusação de ter conspirado contra a vida do rei D. José I, por ser da família dos Távoras; em consequência, também se extinguiu o título de Conde de Santa Cruz, o último dos quais foi D. Martinho Mascarenhas (1740-1804). Destruíram-lhe o brasão de armas e, simultaneamente, a inscrição que lhe ficava por baixo, sem se aperceberem de que nada tinha a ver com o duque (15). Não admira, pois, que Hübner já não a tenha encontrado: «Frustra quaesivi».

É sempre esse o estratagema dos eruditos (e creio que muitos exemplos semelhantes haverá, datáveis do Renascimento, por todo o território do antigo Império Romano): importa dar uma

(14) L. M. DE AZEVEDO, *Fundação, Antiguidades e Grandezas da Mui Insigne Cidade de Lisboa e Seus Varões Ilustres em Santidade, Armas e Letras. Catálogo de Seus Prelados e Mais Causas Eclesiásticas e Políticas até o Ano 1147, em que foi ganhada aos Mouros por El-Rei D. Afonso Henriques*, Lisboa 1753, p. 35.

(15) Agradeço a Carlos Fabião a amabilidade de me haver assinalado o texto em que essa informação vem exarada e que transcrevo como ele teve o cuidado de me reproduzir: «[fl. 4] (...) e as/sim era visto por todos os moradores daquela cidade; porem o mesmo o des/truirão os pedreiros quando picarão / as Armas do Duque d'Aveiro, picando / conjunctamente o Cypso Romano. Esta / pêrda litteraria se evitava, se o / Ministro Executor da Sentença de / 12 de Janeiro de 1759 presidisse / a execução; e se lembrasse do / Alvará de Ley de 18 d'Agosto de 1721 / que lhe ordenava a conservação do Cy/po. / A crueldade e barbaridade / matarão no cadafalso da praça / de Belem em Lisboa ao infeliz Du/que de Aveiro; e a ignorancia do / Juiz Executor em Evora extinguiu hum // [fl. 4v^o] cypso, que sobrevivêra ao domínio Goldo (sic) e Arabe.» (AMARAL, JOÃO JOSÉ MIGUEL FERREIRA DA SILVA, *Memoria Historica e Archeologica*, 1854, ms. da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro - Coleção Portugal I-32, 27, 017, n. 004).

LABERIAE L. F.
 GALLAE FLAMI
 NICAЕ · MVNIC.
 EBORENSIS FLA
 MINICAЕ PROVINCIAE
 LYSITANIAE
 L. LABERIVS AREMAS
 L. LABERIVS CALLAECVS
 L. LABERIVS ABASCANTVS
 L. LABERIVS PARIS
 L. LABERIVS LASVS LIBERT.

Fig. 2.

LARIB · PRO
 SAIVEETINCOIV
 MITATEDOMVVS
 Q · SERTORI
 COMPETALB · LYDOS
 ET EPVIMVICNEIS
 IVN · DONACE · DO
 MESTICAEIIVS · ET
 Q · SERTOR · HERMES
 Q · SERTOR · CEPALO
 Q · SERTOR · ANEROS
 LIBERTEI

Fig. 3.

aparência de verdade, o monumento está ali, eu vi-o com os meus próprios olhos! Mas... que monumento: o romano ou aquele que o autor (ou alguém) mandou fazer? Neste caso, não há dúvidas, dado que os testemunhos gráficos de que dispomos apontam no sentido de se tratar de uma epígrafe feita na época. No que respeita à paleografia, o *Anonymus Taurinensis* (16) veio ajudar-nos: na verdade, tantos nexos (Fig. 2) constituem uma das características das epígrafes preparadas no tempo de André de Resende (17).

É citaria, para já, interrogativamente, um outro exemplo: poderá justificar-se a autenticidade de *CIL* II 12* (Fig. 3), a inscrição dedicada, nessa mesma cidade de Évora, aos *Lares pro salute et incolumitate domuus Q. Sertori?* Foi descoberta, «haverá seis anos», escreveu Resende, «na casa de Sertório». O que se conhece e está hoje no Museu Regional de Évora «exemplum est Resendii aetate factum», declara Hübner – e não há que discordar. E acontece que... a sua estrutura formal é claramente idêntica à da epígrafe em honra de *Laberia Galla* (18)!

Que não se trata de cópias de originais autênticos, que, desta sorte, se procuraram preservar (como opina Alicia Canto), mas sim de textos forjados com um objectivo bem claro, provam-no, a meu ver, o conteúdo laudatório e de carácter probatório de ambas as epígrafes, que é por demais evidente.

3. A 'inspiração' de André de Resende

Ocorre, então, perguntar: onde é que André de Resende se inspirou? Serão identificáveis textos onde possa ter haurido elementos para compor uma nova epígrafe a seu jeito?

Penso que sim.

De resto, foi o próprio Hübner o primeiro a dar o exemplo: o

(16) *Anonymus Taurinensis* ms. s. XVI = *Relación del viaje de un anónimo veneciano recogido en la llamada Raccolta Francesconi*, vol 62, Biblioteca del Archivio di Stato di Torino, ms. s. XVI.

(17) Agradeço a Gerard González ter-me dado a conhecer esta página, onde podemos confirmar o que Hübner viu. Um pormenor terá escapado ao sábio alemão: o de a palavra *Lysitania* estar grafada com Y, grafia que suscitou comentários a autores subsequentes: um deles é Luís Marinho de Azevedo, que evoca essa grafia, a propósito do eventual fundador da Lusitânia, designação que derivaria de Lyso ou Lysio, um dos nomes do deus Baco. É no capítulo IX «Em que se prova que do nome que Elisa deu a Lisboa se derivou o de toda a Província chamando-se Lusitania ou Lysitania» (p. 35-36). Aproveita-se também o ensejo para mostrar o monumento de *Voconio Paullo*, tanto o que se encontra no Museu de Évora (Fig. 4) como o que é apresentado pelo *Anonymus Taurinensis* (Fig. 5).

(18) Já tive ensejo de me referir mais em pormenor a esta epígrafe: 1998, pp. 39-41.



Fig. 4.

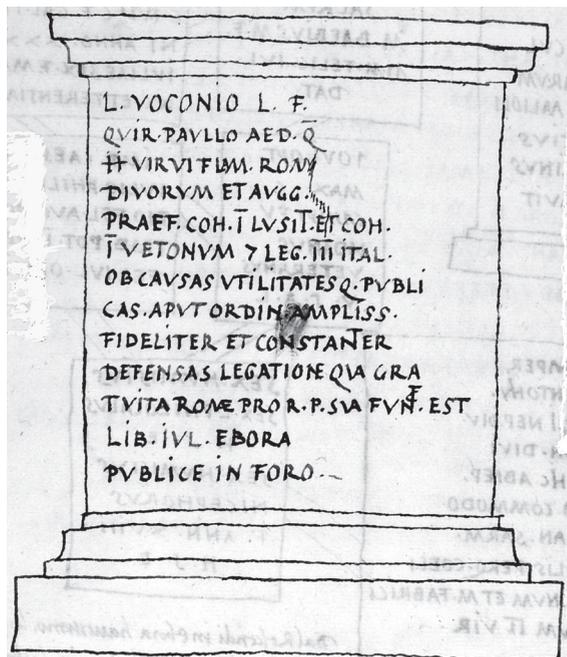


Fig. 5.

nome di *Iunia Donace* da inscrição aos *Lares pro salute et incolunitate domuus Q. Sertori* colheu a sua inspiração em *CIL II, 4266*: «*Donace est sumpta ex titulo Tarraconensi n. 4266*».

Facilmente se concordará, creio, em ver na citada dedicatória *L. Voconio L. f. Quir. Paullo* (*CIL II, 18**) *ob causas utilitatesque publicas aput ordin(em) ampliss(imum) fideliter et constanter defensas* ecos claros de estoutra, de *Tarraco* (*CIL II, 4192*): *C. Annio L. f. Quir. Flavo* [...] *ex gente Cantabrorum ob causas utilitatesque publicas fideliter et constanter defensas*. De resto, teria sido identificada em *Tarraco* uma outra inscrição que Hübner não considerou autêntica (*CIL II, 415**) e que os autores de *IRC IV (19)* houveram por «boa», ainda que não tenham identificado o monumento concreto em que poderia ter sido gravada e se hajam baseado apenas no facto de que não é alheia aos formulários romanos: *C(aio) Pub(licio) Meli[ss]o / [III]IIIvir(o) ob causas / uti[lita]tesq(ue) pub(licas) / fidelit(er) et cons/tant[er] defens(as) / ordo Barcin(onensium) / p(ecunia) p(ublica)* (20).

Por conseguinte, quais são, em meu entender, os textos em que André de Resende colheu a inspiração para a epígrafe em honra de *Laberia Galla*?

1. Para os títulos, a notável inscrição de *Salacia*, conhecida há muito tempo (*IRCP 183*) (21):

IOVI · O(ptimo) · M(aximo) · / FLAVIA · L(uci) · F(ilia) · RVFI-
NA / EMERITENSIS · FLA/MINICA · PROVINC(iae) · / LVSITA-
NAIAE · ITEM · COL(oniae) / EMERITENSIS / · PERPET(ua) · /
ET · MVNICIPI(i) · SALACIEN(sis) / D(creto) · D(ecurionum).

Confronte-se com o texto de *Laberia*:

LABERIAE · L · F ·
GALLAE · FLA
MINICAE · MVNIC
EBORENSIS · FLA
MINICAE · PROVIN

(19) *IRC IV* = G. FABRE, M. MAYER, I. RODÀ, *Inscriptions Romaines de Catalogne. IV. Barcino*, Paris, 1997, p. 109.

(20) O não ser «alheia aos modelos romanos» não constitui razão, uma vez que os eruditos renascentistas conheciam ao pormenor as regras epigráficas romanas.

(21) É um texto que tem sido muito citado, conforme se poderá ver numa das últimas referências que lhe fiz: *Salacia Imperatoria Urbs*, «Arqueología Iberoamericana», 18, 30-6-2013, p. 15-24. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/23687>.

CIAE · LVSITANIAE

[...]

2. Para o nome, sugiro uma hipótese: a também igualmente conhecida dedicatória CIL VI 1406, feita, em Roma, por *Laberia Galla, clarissima femina*, matrona distinta na sociedade da sua época, ao marido *A. Egnatius Proculus, consul, praefectus aerarii Saturni*, etc., e aos filhos. Um epitáfio importante que teve eco, sem dúvida (embora haja, ainda, toda uma pesquisa a fazer nesse sentido), sempre que se falou do papel da mulher ao tempo dos Romanos – e André de Resende terá, porventura, acedido a essa informação (22).

3. Merecem comentário os nomes escolhidos para os libertos. Não é normal que os libertos de uma mulher recebam o seu gentílico. Aqui, poderia deduzir-se a hipótese de, como *Galla* é filha de *L. Laberius*, seus libertos terem, por tal motivo, assumido *praenomen* e *nomen* do pai de sua *patrona*. Não seria impossível.

Interesse poderão despertar, também, os *cognomina* que lhes terão sido atribuídos, impregnados, todos eles, de uma erudição não despicienda (embora tal reflexão seja sempre passível de dúvidas), reflexo, a meu ver, das leituras de André de Resende. Ora vejamos: poderemos ver em *Artemas*, cognome raro, o eco do Ártemas de Listra, citado por S. Paulo na carta a Tito (3: 12); *Callaecus* é mais habitual; de *Abascantus*, também etimologicamente grego, como convém a nome de antigo escravo, cita Abascal (p. 255) (23) dezasseis testemunhos na epigrafia peninsular (incluindo este); *Paris* é sobejamente conhecido como herói homérico; e chamou-se *Lausus* um amigo de Marcial e assim foi designado um filho de Numitor.

4. A inscrição de Collipo (CIL II, 339) (Fig. 6)

D. Domingos de Pinho Brandão deu exaustiva conta do que

(22) Registe-se que seu marido foi personagem deveras influente. Escreve, por exemplo, Augustin Clément Fallu de Lessert (in *Fastes de la Numidie sous la Domination Romaine*, Paris 1888), a seu respeito: «*A. Egnatius Proculus* - il nous est connu par deux inscriptions, l'une latine, l'autre grecque: l'inscription latine, trouvée à Rome, est fort intéressante, en ce sens quelle donne à *A. Egnatius Proculus* un titre que nous n'avons pas encore rencontré, celui de *legatus Augusti provinciae Africae dioeceseos Numidiae*».

(23) J. M. ABASCAL PALAZÓN, *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia 1994.

339 'Colippo foi uma cidade junto da Leiria, onde ora chamam Sanct. Sebastiani, em que á vestígios e ruínas antigas e pedras em que sta scripto o dicto nome de Colippo, que temos em nosso poder' Barr. 'En Leiria, traxida de Colippo' Res. Leiriae in angulo frontispicii ecclesiae S. Stephani ad sinistram maioris iannae partem' Vasc.

LABERIAE · L · F · GALLAE
FLAMINICAE · EBORRESI
FLAMINICAE · PROV · LVSI
TANIAE · IMPENSAM · FVNI
RIS · LOCVM · SEPVLTVRAE
ET · STATVAM · D · D · COLLI
PPONESIVM · DATAM · L
SVLPICIVS · CLAVDIANVS
.....
.....

Barreiros chor. f. 50 titulum non ascripsit, sed ea quae supra posui eius verba non intellegi posse nisi de hoc titulo, quod duo praeter hunc tituli, qui nomen oppidi antiqui exhibeant (n. 340 et 353) inventi sint saeculo demum XVIII, perspexit Flores; Resende Evora c. 7; Vasconcellas ad Res. p. 25 qui videtur habuisse exemplum a Resendiano diversum (inde Grat. 323, 8; e Resendio Britto ed. I f. 227 v., cd. II 1 p. 307; e Resendio et Brittone Levy 238, 552; e Grutero Flores 14, 184; Masdeu 6, 137, 781). Cf. eiusdem flaminicae titulus Eborrensis supra n. 114.

2 EBORRESI, 6 COLLIPPONENSIVM Res.; 'Eborresis et Collipponensium scribi lectorem monemus, vel incuria marmorarii, vel quia ea loquendi formula tunc in usu erat, ut ex multis aliis inscriptionibus colligitur' Vasc. COLLIPPONENSIVM videtur legisse Barreiros. In fine quaedam deesse veluti maritus fecit honore accepto impensaque remissa vel similia indicavi ego.

Fig. 6.

se conhecia acerca desta epígrafe (24), que, como se disse, Diogo Mendes de Vasconcelos, o continuador de André de Resende, aponta como embutida «na esquina da igreja de Santo Estêvão de Leiria, à parte esquerda da porta principal». Teria vindo, portanto, da vizinha cidade romana de *Colippo*, garantira André de Resende.

A primeira referência a esta igreja data de 1211, mas foi demolida no tempo do bispo D. Pedro de Castilho (1583-1604) e o livro de Mendes de Vasconcelos data de 1593. Se pensarmos bem, torna-se muito provável que, a ter existido no local, a pedra nessa data já de lá teria saído. D. Domingos interroga-se: terá desaparecido no decorrer dessas obras? Uma resposta afirmativa afigura-se-me difícil, dado o perfil erudito e humanista do bispo D. Pedro, que – sabendo, como não podia deixar de saber, da existência da lápide, que estava à vista de todos – não teria permitido o seu extravio (estamos em pleno Renascimento, é de recordar!). A resposta para mim mais evidente é, pois, a negativa: a lápide não existia!

(24) D. P. BRANDÃO, *Epigrafia romana coliponense*, «Conimbriga», 11, 1972, pp. 61-66.

Aliás, o edifício tem sofrido reconstruções e adaptações ao longo dos tempos e é, actualmente, sede da Guarda Nacional Republicana – Comando Territorial / Destacamento de Trânsito de Leiria (Largo Santo Estêvão, n. 13). Uma observação cuidada do local e suas dependências não permitiu identificar, até hoje, qualquer elemento que pudesse ser considerado como a epígrafe descrita.

Consultei também Gaspar Barreiros, de que se publica, em 1561, uma corografia da viagem que empreendeu em 1546 e de que deixou apontamentos acerca das antigualhas que foi encontrando (25). Ora, em relação a *Colippo* escreve o seguinte (actualizo a grafia), após se haver referido a *Conimbriga*:

«E depois dela *Colippo*, que foi uma cidade junto de Leiria, onde ora chamam S. Sebastião, em que há vestígios e ruínas antigas, e pedras em que está escrito o dito nome de *Colippo* que temos em nosso poder» (p. 124).

A razão dessa consulta prende-se com o comentário que faz Hübner em relação a essa epígrafe *CIL* II, 339 e que se me afigura deveras sintomático. Reza o seguinte:

«Na folha 50 da *Chor.*, Barreiros não mencionou a inscrição, mas as suas palavras que acima transcrevi não podem entender-se senão em relação a esta epígrafe, dado que, além desta, as duas inscrições que exibem o nome do antigo ópido (n. 340 e 353) somente foram achadas no século XVIII, como assinalou Florez» (26).

Este testemunho acaba por trazer mais um argumento ao que tem sido a minha posição acerca da inexistência real de uma epígrafe na igreja de S. Estêvão: se estava em poder de Gaspar Barreiros, como poderia estar na esquina do templo? Por outro lado, dada a curiosidade de Gaspar Barreiros pelas coisas antigas, estando a epígrafe tão à vista e sendo conhecida, não teria ele feito expressa menção a ela, porquanto também aí claramente estaria o

(25) G. BARREIROS, *Chorographia de alguns lugares que stam em hum caminho que fez Gaspar Barreiros ó anno de MDXXXV] começa[n]do na cidade de Badajoz em Castella te á de Milam em Italia; co[m] algu[m]as outras obras cujo catalogo vai scripto com os nomes dos dictos lugares na folha seguinte*, Coimbra 1561.

(26) O texto em latim: «Barreiros chor. f. 50 titulum non ascripsit, sed ea quae supra posui eius verba non intellegi posse nisi de hoc titulo, quod duo praeter hunc tituli, qui nomen oppidi antiqui exhibeant (n. 340 et 353) inventi sint saeculo demum XVIII, perspexit Florez».

nome do ópido? Aliás, é curioso verificar que Hübner, para justificar a sua hipótese, afirma que, mui provavelmente, Barreiros conseguiu ler a palavra COLLIPONESIVM: «COLLIPONESIVM videtur legisse Barreiros»...

O texto indicado por Resende é, desdobrado, como segue:

Laberiae L(ucii) f(iliae) Gallae / flaminicae Ebore(n)si / flaminicae prov(inciae) Lusi/taniae impensam fune/ris locum sepulturae / et statuam d(ecreto) d(ecurionum) Colli/ppo(n)esium datam L(ucius) / Sulpicius Claudianus / [...] (CIL II, 339).

Formulário bem clássico da epigrafia latina, esse que documenta as honras prestadas à sacerdotisa: por decreto dos decuriões coliponenses, correram a expensas da cidade as despesas com o funeral, com a aquisição do lugar para a sepultura e, além disso, sobre a campa se teria erigido estátua em sua memória. Atente-se, porém, no seguinte: Resende dá o texto como inteiro porque ali está tudo aquilo que ao humanista interessava. O nome que surge no final, *L(ucius) Sulpicius Claudianus*, seria, mui naturalmente, o do marido, não sendo de admirar (caso mais texto houvesse) que aí viesse consignada a informação de que ele, contente com a honra, poderia ter chamado a si o pagamento de parte ou da totalidade das despesas, como, de resto, o próprio Hübner sugere: «*maritus fecit honore accepto impensaque remissa*». Resende, porém, nada observa a tal respeito; para ele o que transcreveu é bastante para demonstrar a sua afirmação (p. 28): «[...] Em Leiria está uma pedra que foi trazida da cidade Colipo, que agora é destruída, onde parece que a dita flamínica morreu».

Terminologia bem latina, deveras, a indiciar uma forte aculturação, portanto. Daí que, a este propósito, Sylvie Dardaine, que aprofundadamente estudou o uso desses formulários em epígrafes romanas peninsulares, haja ponderadamente procurado encontrar para essa evidente 'excepção' uma explicação que lhe parecesse plausível, ainda que mui cuidadosa e hipotética:

«En Lusitanie, *Salacia, Pax Iulia, Myrtilis* sont proches de la Bétique; seul Leiria, l'antique *Colippo*, est éloignée de l'atmosphère culturelle de cette province et de ce fait pose un problème. Il est à noter d'ailleurs que la formule finale de l'inscription a été restituée. Mais surtout il existe des liens étroits entre l'inscription de Leiria et la Lusitanie méridionale. *Laberia Galla*, la prêtresse honorée dans cette dédicace, est en fait originaire d'*Ebora* où elle fut flaminique avant

d'être flaminique provinciale à Mérida. Par Mérida ou par *Ebora* la diffusion des habitudes épigraphiques de la Bétique se comprend aisément. De plus par son onomastique et par celle de son mari, *Laberia Galla* appartient bien à l'environnement culturel de la Bétique. Les gentilices *Laberius* et *Sulpicius*, le *cognomen Galla* ne sont répandus en Espagne que dans les zones les plus romanisées et donc avec une forte concentration dans la province de Bétique» (27).

Estou perfeitamente de acordo: esta fórmula não é usual na epigrafia lusitana! É que André de Resende a foi buscar, uma vez mais, noutros textos que lhe eram conhecidos. Este, por exemplo, encontrado em Badalona (Barcelona) [*CIL* II, 4611]:

*Deis Manibus / C(ai) Picarii C(ai) fili) Pub(ilia) Novati / huic ordo
B[ajetulon(ensium) locum / sepulturae eius impensa / funeris publi-
ca et omnes / honores dedit C(aius) Picarius / b(oc) m(onumentum)
b(eredem) n(on) s(quetur) n(ec) l(ocum) s(epulturae).*

Em conclusão:

Pese muito embora o 'testemunho' do seguidor de Resende – e sabemos muito bem como tanto ele como, mais tarde, Frei Bernardo de Brito não hesitaram em aduzir provas fictícias para justificar o que o Mestre escrevera... – eu estou em crer que são mais as razões a validar a invenção do que a reforçar a existência! Aliás, não é estranho que, nas *Antiguidades da Lusitânia*, André de Resende, ao referir-se a *Collipo* nada de especial anote e só transcreva citações antigas, designadamente o *Itinerário de Antonino: Collipo - Leiria ex ruinis* (fol. 254). Se estivesse assim tão convicto da existência aí de um tão valioso documento acerca da 'sua' tão prezada flamínia, disse se haveria de esquecer?

5. *A fama de Labéria Gala*

É preciso, porém, acrescentar que a glória de Labéria Gala se manteve, séculos afora, e teve, de modo especial, o maior sucesso essa tradição da existência, em Leiria, da inscrição a uma romana famosa, de nome Labéria.

(27) S. DARDAINE, *La formule épigraphique impensam remisit et l'évergétisme en Bétique*, «Mélanges de la Casa de Velázquez», 16, 1980, p. 41.

Por isso, houve mesmo quem proclamasse ter o nome da cidade – *Leiria* – derivado precisamente de... *Laberia*: «Leiria» poderá ter a sua raiz etimológica em Laéria, do antropónimo romano *Laberia Galla*, sacerdotisa romana!...

E até nos concursos literários da cidade, *Laberia Galla* tem sido, por tudo isto, perene fonte de inspiração (28)!

Nos livros que versam sobre o papel da mulher na sociedade e na religião, *Laberia Galla* está sempre bem presente, não levantando dúvidas!

Assim, Javier del Hoyo (29) afirma que *Laberia Galla* «parece que podría ser de *Ebora*, donde ha ejercido un sacerdocio municipal y cinco libertos le han dedicado una inscripción».

Luís Fernandes procurou relacioná-la com as famílias de renome epigraficamente documentadas na época romana (30). Lola Mirón (María Dolores Mirón Pérez) foi encarregada da secção de História Antiga da enciclopédia biográfica intitulada *Mujeres en la Historia de España* (31). Aí trata de Labéria Gala, como também já o fizera (*passim*) no seu livro de 1986 (32). Começa por apresentar assim a flamínia:

«Esclavista, sacerdotisa. Dama de notable influencia en dos ciudades alejadas de Lusitania vio reflejado su prestigio en ambas y en la capital de provincia con honores públicos y privados, así como con el sacerdocio del culto imperial» (p. 58).

E mais adiante (p. 59):

«[...] Convertida en dama de la élite de Collippo, mantenía vínculos familiares y patrimoniales en Évora, donde contaría con una nutrida clientela. En realidad, su vida transcurriría entre ambas ciudades, sobre las que ejercería su influencia, que se extendería sobre un vasto territorio de Lusitania. De este modo, se hizo merecedora, por méri-

(28) Orlando Cardoso ganhou, em 2007, o 1º Prémio de Poesia com o livro *As Uvas de Labéria Gala* (Leiria 2008).

(29) J. DEL HOYO CALLEJA, *La importancia de la mujer hispanorromana en la Tarraconense y Lusitania a la luz de los documentos epigráficos*, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 1987, nº 15, pp. 118-120.

(30) L. S. FERNANDES, *A presença da mulher na epigrafia do conventus Scallabitanus, «Portugalia»*, 19-20, 1998-1999, pp. 141-142.

(31) M. D. MIRÓN PÉREZ, *Laberia Gala*, in S. TAVERA [coord.] *Mujeres en la Historia de España*, Madrid 2000, pp. 58-60.

(32) M. D. MIRÓN PÉREZ, *Mujeres, religión y poder: El culto imperial en el Occidente Mediterráneo*, Universidad de Granada 1986.

tos propios, de ser elegida como flamínica de la provincia, lo que representaba el máximo honor oficial que podía recibir una mujer en provincias».

Na Internet, há um sítio designado *La Web de las biografías* [consultado a 30-12-2013] e lá está a de Labéria Galla <<http://www.mcnbiografias.com/app-bio/do/show?key=laberia-gala>> de que vale a pena recortar o seguinte:

«En cuanto al paso de *Laberia Gala* por *Collippo*, conviene empezar por advertir que se ignora el momento de su vida en que llegó allí, así como las causas que provocaron su desplazamiento. Se ha especulado con la posibilidad de que la sacerdotisa contrajera matrimonio con Sulpicio Claudiano, miembro de una de las familias más importantes de la elite local, aunque otros investigadores de este oscuro período de la historia de la Hispania romana, llevados por el hallazgo en *Collippo* de restos de otros personajes femeninos llamados también *Laberia*, aventuran la idea de que la sacerdotisa fuese originaria de dicha localidad. Lo interesante, en cualquier caso, es que la flamínica residió en *Collippo* mientras mantuvo una nutrida clientela de esclavos libertos en *Ebora*, lo que pone de manifiesto la influencia de *Laberia Gala* en un extenso ámbito que sobrepasa con creces el mero territorio local. De ahí que no resulte extraño que, en cierto período de su vida, fuera elegida flamínica de toda la provincia lusitana, lo que sin duda la obligó a pasar un cierto tiempo en la capital provincial, *Emerita Augusta* (Mérida). No se han hallado testimonios fehacientes que puedan demostrar esta presencia de *Laberia Gala* en *Emerita*, pero sí abundantes pruebas de que regresó a *Collippo* y permaneció allí hasta el momento de su muerte. El Senado local acordó, tras su fallecimiento, acotar un espacio público para homenajear a su ilustre sacerdotisa con una estatua, y proporcionó también un lugar comunitario para albergar su sepulcro, honor que en la Hispania romana sólo se rendía a personalidades señeras».

Mas já na *Évora Gloriosa* do Pe. Francisco da Fonseca (Roma 1728, p. 21), se dizia que Sertório «finalmente, por cativar de todo os corações dos eborenses, fundou palácio em Évora para a sua pessoa e se casou com Labéria, donzela eborense de extraordinária beleza e nobilíssimo sangue, porque filha de Firmo Labério e próxima parenta de Labéria Galla, a quem veremos Flamínica de toda a Lusitânia»...

Conclusão

Ao reler estas passagens, em que uma flamínia para mim inexistente é, assim, elevada aos píncaros da glória, perdoe-se-me se evoco uma passagem da minha vida de epigrafista.

Em Maio de 1989, fui encarregado de ir à ilha Great Abaco, do arquipélago das Baamas, porque, no interior de uma gruta, se descobrira o desenho de uma caravela portuguesa com a cruz de Cristo gravada na vela e, ao lado, a data de 1450 ou 1460. Caso a epígrafe fosse verdadeira, nova página da História se teria de escrever, pois que a data oficial da descoberta da América por Cristóvão Colombo é... 1492! Os Portugueses teriam chegado ali, pelo menos 32 anos antes!... Senti em cima o peso de uma responsabilidade enorme, que felizmente pouco durou, pois a epígrafe era... recente (33)!

Assim me sinto agora, perante histórias tão bem engendradas em relação a uma personagem, que, em meu entender, não passou de invenção de André de Resende.

Não tenho, porém, a pretensão de ser peremptório. Os dados aí estão e, para mim, este constitui o caso de um duplo (para situar-me no tema do nosso colóquio): duplo no sentido da invenção de um texto a partir de outros.

Espero, pois, que estas modestas considerações possam servir para doravante se analisarem com outros olhos este e outros exemplos semelhantes: não estaremos perante um caso único!

(33) J. D'ENCARNAÇÃO, *O mistério dos barcos desenhados nas ilhas Baamas*, «O Século», 25 e 26-06-1989, p. 6.